

Mário Zambujal

# SERPENTINA

Odisseia de um crédulo  
em demanda da bela sem senão

CLU  
BE:  
AUT  
OR

## UM

(“Perder os sentidos todos juntos era a primeira vez. Apagão geral. Tudo indicava, porém, que não perdera a respiração. E respirar é um exercício muito útil para a saúde.”)

*A casa que o senhor Hélio Pascoal mandou construir à socapa não despertaria atenção noutra ponto da cidade. Branca, mediana de volume, três metros arrelvados a preceder a entrada, é construção estimável, sim senhor, mas ninguém se deteria a admirá-la. Aqui, destoa. Nasceu nesta travessa de casinhotos velhos e os contrastes influem nas aparências. Como luxo maior tenho o terraço, com chão de tijoleira e toldo para abrigo do sol, ou da chuva, quando, mesmo nos dias molhados, teimo em demorar-me lá. Mas é à noite que mais frequento essa minha sala preferida, de paredes curtas e tecto nenhum. Descanso o corpo e deixo correr os pensamentos hoje levados para a sucessão de episódios que não consigo entender. Misturam-se memórias longínquas, fascínios de sempre e a sensação de ter mergulhado numa trama policial. Com bandidos e mulheres.*

Teria rodado uns trinta lentos quilómetros quando notei o vaporzinho branco a subir do motor. Quis animar-me: calma, digam o que disserem, há fumo sem fogo.

Encostei à berma para averiguar se o meu idoso mini exalava suspiro final ou era só fumaça. Saí descuidadamente, sem espiar quem vinha perto e se atento. Ouvi guinchar pneus travados a fundo. Tarde demais. O embate apanhou-me de costas, no extremo sul da coluna, e perdi os sentidos.

Alguns sentidos tinha perdido, em fases confusas da existência. Fosse o da oportunidade, o das conveniências, do olfacto, do paladar, ou da orientação para chegar a casa em madrugadas mais recreativas. Perder os sentidos todos juntos era a primeira vez. Apagão geral.

Tudo indicava, porém, que não perdera a respiração. E respirar é um exercício muito útil para a saúde.

Por algum tempo ausentei-me de mim, fui regressando, meio cá, meio lá, como numa esquina onde o transeunte não sabe em que rua está. Se pensa manter-se vivo é bom sinal. Se morreu, provavelmente não pensa. Duvidei ser esse o meu caso, tanto mais que me senti transferido para a valeta, talvez pelo receio de que viesse outro atropelar o atropelado. O que só não é grave quando se falece à primeira.

Côncava, fofa, à largura de uma pessoa com médio arco-boiço, ainda confundi a valeta com a comodidade definitiva de um caixão. Mudei de ideia ao aperceber-me de gente em volta discutindo o estado do infeliz. Ninguém

chorava. A verdade seja dita, não me ocorria quem pudesse chorar-me. A minha generosa madrinha Henriqueta falecera, ela sim, meus pais e irmão viviam, se vivessem, muito longe dali.

Estaria a ser injusto. Algumas namoradas que ficaram amigas para a vida e para a morte não deixariam de soluçar. Mais que elas o Noé Quase Padre, professor na infância, confidente de sempre.

Assaltou-me a tentação de permanecer imóvel, fingindo-me morto. Um tipo fingindo de morto pode ouvir o que não ouviria no caso de ter expirado. Expirar é verbo rico e contraditório. Aparece ao lado de inspirar na ginástica respiratória e sozinho quando se perde o bafo. Também se aplica aos prazos de pagamento e de validade na Justiça. Nesta última acepção, usa-se dizer que os processos prescreveram.

Antes do mais, deveria apurar se estava inteiro e movi os braços para me apalpar. Gesto elucidativo de que, quanto a braços, nada a lamentar. Levei as mãos às pernas e entrepernas, não faltava nada.

Uma garganta feminina, mesmo ao lado do meu corpo estendido, exultou:

— Está vivo! Vi-o mexer-se!

Chegou de moto um polícia de trânsito que perguntou:

— De quem é aquele mini que fumeiga?

Fui apontado a dedo e o agente disse:

— Vou autuá-lo. Não pôs o triângulo nem vestiu o colete.

Apesar de inamistoso, agradou-me que fosse um guarda humano e desse a cara. Dois meses antes fora multado por um radar mais calado que um rato mas de olho vivo e garra de trezentos euros.

Um senhor, presumi que médico dada a segurança do diagnóstico, rebolou-me e resumiu:

— Foi no cóccix. Pancada violenta no cóccix. Sobrevive.

Quis levantar-me e confirmar se o cóccix era o ponto atingido. Doía, doía, mas tive de conter um riso absurdo. Sempre considereí cóccix o nome mais engraçado do esqueleto humano. Também aprecio occipital, sobretudo por se prolongar no foramen magnum. Mas nunca ouvi ninguém queixar-se de padecimentos no foramen magnum. E não tem a mesma piada.

— Pode sentar-se? — inquiriu outro preocupado espectador.

— Sentar-se, como? — redarguiu por mim o suposto clínico. — Não percebe que o homem tem o cóccix amassado?

Pareceu-me natural. Não há cóccix que resista ao porradão de um jipe. Não obstante, sentei-me, gemendo. No mesmo momento apresentou-se a condutora do jipe, consternada mas lançando a confusão nos meus sacudidos neurónios:

— Perdão, desculpe! Eu vinha a segui-lo mas apenas para lhe dizer que o doutor Alfredo Talamita quer muito falar consigo. Não esperava que parasse e saísse do carro.

Achei natural que ele quisesse falar comigo. Não só de trabalho, devia-me explicações de um cheque. Mas eu dirigia-me para a Produtora Tutimagem, onde esperava encontrar-me justamente com o doutor Talamita. Reunião marcada para as nove e meia. Consultei o relógio, oito e cinquenta e três. Mesmo em estado deplorável havia de dizer cá estou eu. No horário previsto.

A pontualidade é a mais reconhecida das minhas virtudes. Tenho outras, podem indagar. Nenhuma, porém, ao nível da mania de chegar a horas. Cumpriria mais uma vez, ao fim e ao cabo encontrava-me a uns quinhentos metros do edifício onde mora a Produtora Tutimagem, torre de dezoito pisos nascida como furúnculo numa ná-dega da cidade. Dispusesse ou não de viatura, teria de palmilhar pelo terreno de mato e pedras que vai da auto-estrada à bizarra construção pintada de lilás.

Lera e relera o sms convocatório, tratando-me por senhor: “Senhor Bruno D. L. Bracelim esperamos a sua comparência na Tutimagem”. Seguia-se data e hora, ponto final.

Habitudara-me às mensagens do doutor Talamita, encabeçadas por Caro Bruno e fechando com um abraço e assinatura. Ou o doutor Talamita mudara muito, ou a casa mudara de Talamita. Talvez ambas as mudanças. Lembrei-me da telefonadela dele pedindo que alugasse a casa durante a minha ausência no campo. A dúvida crescia com o recado da desatinada do jipe. Não foi o

que mais me sobressaltou quando ela ajoelhou juntinha a mim. Nem a voz afunilada num sussurro. Tampouco o panorama exposto pela inclinação do decote, soberbas mamas ao fundo do túnel. O que me fez estremecer foi a parte visível da cara dela.

Uma fita vermelha na testa e os óculos de sol, redondos e grandes, impediam a visão total. E por muito generoso fosse algum santo meu protector, era esperar demasiado que a mulher do rosto insuperável tivesse vindo ao meu encontro de jipe.

Sei o que penso e digo, por simples curiosidade fui um dia ao consultório de afamado psiquiatra e meu amigo, o doutor Patrocínio Marcelo, um bocadinho desaparefuso, ele. Riu-se do que considerou uma divertida fantasia:

- Convence-te, Bruno, não há bela sem senão.
- Vou encontrá-la — garanti. Receitou-me um calmante.

Há anos e anos procuro o rosto feminino perfeito. Perfeito será o que coincidir em absoluto com a imagem criada no meu cérebro exigente. Ninguém que eu tenha visto, deambulando por aí e sempre à coca, folheando revistas especializadas em belezonas, analisando formosuras do cinema e das televisões, ninguém corresponde à figura colada como um póster do lado de dentro da minha cabeça. Há sempre um qualquer desvio, seja na

dimensão ou saliência das orelhas, no distanciamento e no falar dos olhos, na espessura dos lábios e no traçado da boca, na volumetria dos malares, no perímetro das narinas, na excessiva ou diminuta medida dos maxilares, no formato do nariz.

Cedo ou tarde haveria de encontrar a bela sem se-  
não. Tomara por base a Greta Garbo. Tenho a foto dela emoldurada sobre a cómoda da sala, ao lado da madrinha Henriqueta. Observando, à lupa, concluí que, apesar de divina, a Garbo poderia ser melhor. Fui recolhendo participações, desde a Marlene Dietrich à Angelina Jolie, toques recentes da Scarlett Johansson, e de outras, vedetas ou não, como a Claudia Sónia, empregada de balcão da Perfumaria Sândalo. Aprecio-lhe muito as orelhinhas.

— Voltaremos a encontrar-nos — anunciou a rapariga do jipe. Promessa ou ameaça? Certo foi que, inesperadamente, dobrando-se, me brindou com um beijo. Talvez mal apontado, apanhei-o entre o nariz e a boca.

Quando quis informação mais clara, tinha-se sumido. Adensava-se o nevoeiro. Nítida, só a sensação de que estranhos acontecimentos me esperavam. Mais estranhos ainda que episódios anteriores.